

## A ancestralidade na poética de Ivanildes Moura

Adriana Maria de Abreu Barbosa<sup>2</sup> 

Letícia de Jesus Araújo<sup>1\*</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil

\*Autor de correspondência: [leetiaraujo@gmail.com](mailto:leetiaraujo@gmail.com)

### RESUMO

Historicamente, a literatura brasileira se debruçou, majoritariamente, nas obras consideradas clássicas, o que compõe o chamado cânone literário. Estruturas de poder dentro da sociedade patriarcal determinam quais obras são consideradas clássicas, baseando-se em critérios sexistas e racistas. Isso frequentemente marginaliza outras obras que não se encaixam nos moldes de autoridade estabelecidos. Ao traçar o caminho distinto, este artigo pretende trazer à tona a escrita negra, feminina e engajada através da narrativa *Azire, a princesinha de Aruanda* (2014), da escritora jequieense Ivanildes Moura, a fim de contribuir na construção de perspectiva decolonial acerca da representação negra nos livros infantis, com base nas temáticas recorrentes do livro da autora em questão. Através da literatura infantil Moura incorpora na sua obra elementos da ancestralidade africana, empoderamento feminino e autoestima negra, construindo, então, uma contranarrativa acerca da realidade desses sujeitos. Refletir acerca da memória ancestral e a construção da identidade de um povo é um processo necessário para a percepção de existência de outros caminhos e possibilidades para recontar a história. *Azire, a princesinha de Aruanda*, e Ivanildes Moura convidam os leitores a refletir e a construir uma visão que tenha como objetivo a emancipação e o empoderamento do povo negro, especialmente das crianças.

### PALAVRAS-CHAVE:

Ancestralidade  
Literatura feminina  
Literatura infantil  
Representação

**SUBMETIDO:** 28 de maio de 2023 | **ACEITO:** 25 de junho de 2024 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2024

© fólio - Revista de Letras 2024. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### Introdução

Até a primeira metade do século XX, a literatura nacional se debruçou na valorização das obras consideradas clássicas o que, por conseguinte, compõe o chamado cânone literário. A palavra cânone pode significar relação ou catálogo importante, pois é definido por autoridade reconhecida, sendo assim, o cânone

literário implica em um conjunto de obras valorizadas por alguma característica. É sabido que, como afirma Schmidt (2014, p. 33), vivemos em uma sociedade cujo cânone é masculino, branco, ocidental, católico e heterossexual. A sociedade delimita obras clássicas a partir de uma condição estrutural, sendo ela, sobretudo, sexista e racista, o que deixa escanteada todas as outras obras que não se encaixam nos moldes de autoridade estabelecidos.

Nesse sentido, as diversas experiências das mulheres na literatura brasileira têm sido sistematicamente atravessadas por tentativas de silenciamento. Um exemplo emblemático é o de Carolina Maria de Jesus, cujas obras, como "Quarto de Despejo," expõem as duras realidades da vida nas favelas e a resistência feminina negra. Apesar das barreiras impostas por uma sociedade estruturalmente racista e sexista, Carolina conseguiu, em parte, fazer sua voz ser ouvida, embora seu reconhecimento significativo tenha ocorrido predominantemente após sua morte. A trajetória literária e pessoal de Carolina Maria de Jesus ilustra a luta contínua pela visibilidade e pelo reconhecimento das narrativas negras, sublinhando a urgência da emancipação e do empoderamento do povo negro, especialmente das mulheres, no contexto literário brasileiro.

Durante o século XIX, a presença feminina na literatura começou a ganhar destaque, embora ainda limitada pelas barreiras impostas por uma sociedade patriarcal. Um dos poucos espaços onde as mulheres encontraram maior aceitação foi na literatura infantil. Este campo, voltado para as crianças, era visto pela sociedade como uma extensão do imposto papel tradicional das mulheres como cuidadoras e educadoras. Dessa forma, a autoria feminina nessa área foi mais bem recebida, apesar das dificuldades persistentes para o reconhecimento pleno de suas contribuições literárias. Queiroz e Buzan (2019) explicam essa dinâmica ao afirmar que

A literatura infantil foi uma das portas que se abriu para a autoria feminina, por ser destinada às crianças. Havia maior aceitação, por parte da sociedade patriarcal, dessa escrita por entenderem ser um campo educativo, ato que competia às mulheres o cuidado com as crianças. Lajolo & Zilberman (1985, p. 38) nos informam que houve uma grande produção escrita por brasileiras, com destaque para vários nomes, como os de Francisca Júlia, Júlia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira, Zalina Rolim e Presciliana D. de Almeida. Por outro lado, uma vertente de produções folclóricas também se estendeu dentro da literatura infantil e surgiram nomes como de Alexina de Magalhães Pinto. (p.161)

Muito embora o pensamento cristalizado machista considere a literatura infantil despreziosa, ela pode ser profundamente engajada e insubmissa. É fundamental reconhecer a importância de destacar as vozes femininas, a voz da criança, a voz negra e as múltiplas vozes presentes no Brasil, pois a literatura infantil desempenha um papel crucial na abertura de discussões relevantes nesses campos. Observam-se publicações que abordam questões de identidade, diversidade e inclusão, promovendo uma maior consciência crítica entre os leitores. Exemplos significativos incluem obras que exploram a representação de diferentes etnias, gêneros e experiências sociais, contribuindo para a construção de uma visão mais ampla e inclusiva da realidade. Podemos citar como exemplos a obra “Amoras” (2018), de Emicida, “Pretinha de ébano” (2016), de Kalypsa Brito, e “Omo-oba: Histórias de princesas e príncipes” (2009), de Kiusam Oliveira.

No tocante à literatura infantil e a autoria feminina, é de crucial relevância falar sobre a autoria das mulheres negras. No percurso das lutas travadas para o reconhecimento e a liberdade na escrita, as mulheres negras também contribuíram de forma substancial para a auto afirmação enquanto escritoras legitimadas.

### **Literatura de autoria feminina e negra**

Colocando as lentes sob as mulheres, pode-se afirmar que essa experiência/vivência é marcada por percalços. Ao falar das mulheres fica perceptível também um caminho marcado pela invisibilidade, ficando extremamente explícito quando na Europa do século XVIII se discutia “se as mulheres eram seres humanos ou se estavam mais próximas dos animais irracionais” (PERROT, p.11, 2008). Esse e outros pensamentos ajudam na cristalização da limitação das ações das mulheres, de modo geral, colocando-as num não lugar, à margem da história. Isso se explicita ainda mais quando Simone de Beauvoir (1970) diz que

O simples fato de ser a mulher o Outro contesta todas as justificações que os homens lhe puderam dar: eram-lhes evidentemente ditadas pelo interesse. ‘Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, porque eles são, a um tempo, juiz e parte’, escreveu, no século XVII, Poulain de la Barre, feminista pouco conhecido. Em toda parte e em qualquer época, os homens exibiram a satisfação que tiveram de se sentirem os reis da criação (p. 15-16).

A partir da citação pode-se perceber que o controle masculino sobre as narrativas femininas perpetua a desigualdade de gênero ao distorcer ou silenciar as experiências das mulheres. Esse silenciamento mantém a hegemonia masculina e reforça estereótipos, resultando em uma visão parcial da realidade. A falta de representação feminina limita a compreensão completa das experiências humanas e perpetua a desigualdade. Portanto, é essencial reconhecer e incluir as vozes femininas para promover uma visão mais justa e abrangente da sociedade.

Pensando a partir da perspectiva das mulheres negras, pode-se perceber que o trabalho foi uma tarefa destinada a esse grupo. Para essas mulheres sobrou a precariedade e a subalternidade, e esse é um dos motivos dos movimentos feministas negros reivindicarem tanto esta pauta de que as mulheres são diferentes entre si e sofrem opressões também distintas, conforme os marcadores sociais. É nesse sentido que a intelectual Grada Kilomba (2019) afirma que

Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. [...] Mulheres brancas tem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o "outro" do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o "outro" do outro (p. 128).

Grada Kilomba revela uma dinâmica de exclusão ao afirmar que "a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma." A citação aborda a complexa interseção das opressões de raça e gênero que as mulheres negras enfrentam, revelando como elas são relegadas a uma posição de "outro" múltiplo na sociedade. Enquanto mulheres brancas e homens negros ocupam espaços onde podem ser parcialmente reconhecidos por suas identidades raciais ou de gênero, as mulheres negras são continuamente despersonalizadas, sem possibilidade de reconhecimento pleno em nenhum desses aspectos. A mulher negra é marginalizada não apenas por não ser branca, mas também por não ser homem, ficando numa posição de invisibilidade e exclusão ainda mais profunda. Esta dupla negação evidencia a necessidade urgente de reconhecer e valorizar as experiências e identidades únicas das mulheres negras.

Considerando que as vozes, sobretudo, femininas e negras na literatura surgem a partir do conflito, da denúncia do silenciamento e das suas vivências,

mostra-se importante trazer para a centralidade da discussão o conceito “escrevivência”, cunhado pela escritora Conceição Evaristo. A escrevivência utiliza-se da experiência de quem fala/escreve para trazer à tona as narrativas que dizem respeito às experiências em comum das mulheres negras. Além disso, esse conceito também é acompanhado da consideração da importância da voz, da oralidade, das palavras e do texto no papel. Para a autora, trata-se da “(...) escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (EVARISTO, 2006, p. 20). E essa escrita “não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sons injustos”. (Evaristo, 2006, p. 21).

Ainda sobre a perspectiva literária, Regina Dalcastagnè (2019) aponta que reflete sobre a representação dos grupos ditos “subalternos” na literatura, quando afirma que:

o silêncio dos grupos marginalizados - entendidos em sentido amplo como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por gênero, etnia e cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério - é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome desses grupos. (p. 42).

Nesse sentido, após as problematizações, mostra-se bastante necessária e urgente a discussão acerca das produções das mulheres negras. A literatura infantil é um dos espaços que essas mulheres estão ocupando e reivindicando, portanto, a construção de identidade e perceber de qual forma a autoria feminina se perpetua neste âmbito se faz relevante.

Boa parte da literatura que parte da autoria das mulheres negras se constitui e aborda temas feministas e negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias. É possível detectar na obra de Ivanildes Moura a construção de uma narrativa que traz não só a alteridade, mas também elementos como as memórias ancestrais do povo negro através da cultura africana e tradições africano-brasileiras e que revisita o passado histórico. Nesse sentido, essa literatura perpassa pela construção de discursos inovadores em que as vozes literárias negras e femininas não possuem submissão e se dispõe a construir uma nova narrativa que ajude a desenhar caminhos de representação e identidade, a partir da experiência de quem vivencia. Por conta disso, inclusive, Evaristo (2005) assegura a validade e pertinência da literatura produzida por mulheres negras no Brasil:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida (p. 54).

É pensando em trazer essas vozes das mulheres negras a centralidade do debate que o próximo tópico deste artigo irá se debruçar na escrita da escritora Ivanildes Moura e o seu livro *Azire, a princesinha de Aruanda* (2014).

### **O que nos revela a literatura infantil e negra?**

Diferente de outros momentos, atualmente é possível encontrar produções literárias infantil produzida por mulheres negras com mais facilidade. No entanto, vale ressaltar, que essa literatura não é nova, as mulheres negras escrevem há muito tempo, porém só estão conquistando mais visibilidade nas últimas décadas, visto que o racismo e o patriarcado, historicamente, apagou e invisibilizou esse tipo de escrita. Essa literatura negra está preocupada em trazer leituras menos colonizadas para os seus leitores, aproximando a criança da sua ancestralidade através das referências aos mitos africanos de criação do mundo ou até mesmo da relação com os orixás.

Vale ressaltar, ainda, que sobre o termo *literatura negra*, Lúcia Leiro (2014) afirma que

O termo literatura negra tem sido usado pela crítica literária para se referir a escritores e escritoras que fazem literatura baseada na herança cultural africana, tematizando as implicações e ressignificações da diáspora negra, os ritos, filosofia e cosmogonia ancestral, entre outros aspectos. Apesar do termo ser amplo, esta proposta objetiva fissurar o olhar naturalizado de um território demarcado fisicamente, para uma concepção de nação imaginada que, como sabemos, foi forjada com base num sentimento de unidade, pertencimento e nacionalismo, conforme bem assinala Benedict Anderson, para implodir este constructo mental e, com isso, elaborar outra composição igualmente imaginada que possa, tal qual um fio de contas, nos ligar a outras comunidades a partir de uma história comum. A escravidão espalhou pessoas do continente africano por todos os continentes de uma maneira extremamente violenta e o desafio de seus herdeiros é fazer o caminho de volta, não necessariamente um retorno físico, mas um retorno ancestral. Para Eduardo Oliveira, “a ancestralidade é um



princípio regulador das práticas e representações do povo-de-santo”, e isto coloca os estudos da ancestralidade dentro de uma perspectiva filosófica que enlaça os rituais dos terreiros de candomblé, alicerce para uma melhor convivência humana e social, à prática social (p.2).

Ainda pensando a partir dessa construção de uma literatura negra, vale dizer que essa escrita/escrivência ajuda a trazer a palavra para si e desconstruir imagens criadas a partir de um estereótipo. É possível observar como as pessoas negras foram tratadas na literatura brasileira se olharmos aos livros, na maioria das vezes, publicados por pessoas brancas, onde o negro é tratado de maneira deturpada, exotizado, agressivo, etc. Sobre isso, Cuti (2010), afirma que

Quando se estudam as questões atinentes à presença do negro na literatura brasileira, vamos encontrar, na maior parte da produção de autores brancos, as personagens negras como verdadeiras caricaturas [...]. Estar no lugar do outro e falar como se fosse o outro ou ainda lhe traduzir o que vai por dentro exige o despreendimento daquilo que somos. [...] O sujeito étnico branco do discurso bloqueia a humanidade da personagem negra, seja promovendo sua invisibilização, seja tornando-a mero adereço das personagens brancas ou apetrecho de cenário natural ou de interior, como uma árvore ou um bicho, um móvel ou qualquer utensílio ou enfeite doméstico. Aparece, mas não tem função, não muda nada, e se o faz é por mera manifestação instintiva, por um acaso. Por isso tais personagens não têm história, não têm parentes, surgem como se tivessem origem no nada. A humanidade do negro, se agride a humanidade do branco, é porque essa última se sustenta sobre as falácias do racismo (p. 88-89).

O que se quer com uma literatura de autoria negra é mudar a perspectiva de como se enxerga esse povo, buscando a representação a partir do que autoras negras escrevem sobre os seus sentimentos, personagens, sobre si, retratando a sua cultura e o que lhe for importante e relevante.

Com uma visão voltada para a formação de uma identidade positiva para as crianças, a literatura infantil produzida por pessoas negras se apresenta como uma possibilidade concreta de transformação de mentalidades. Ser um cidadão consciente de sua origem perpassa não só pelo conhecimento da sua história, mas também pelo acesso aos bens culturais produzidos pelo seu povo. É nesse sentido que é necessário, cada vez mais, propagar a literatura infantil que traz para a centralidade a criança negra, não mais relacionada à marginalidade e inferioridade, mas sim a uma pessoa que possui uma história tão bonita quanto a de qualquer outra criança. Sendo assim, pode-se observar que “a identificação com narrativas próximas de sua realidade e com personagens que vivem problemáticas semelhantes às suas leva o leitor a re-

elaborar e refletir sobre o seu papel social e contribui para a afirmação de uma identidade étnica.” (DEBUS, 2007, p.1)

### **Para ler Azire, a princesinha de Aruanda...**

A partir de tudo que já foi dito, faz-se crucial analisar de qual forma a temática da infância negra se apresenta dentro da literatura infantil de autoria feminina e negra. Para tanto, neste texto, será analisada a narrativa *Azire, a princesinha de Aruanda* (2014), da escritora jequiense Ivanildes Moura, a fim de contribuir na construção de outras perspectivas acerca da representação negra nos livros infantis, com base nas temáticas recorrentes do livro da autora em questão.

Antes de adentrar ao livro em si, é necessário apresentar a escritora desta narrativa. Ivanildes Moura é filha de Terezinha Moura dos Santos e Antonio Marques dos Santos, estudou a sua vidatoda em escola pública, se graduou em Pedagogia e atua como pesquisadora no Órgão de Pesquisa em Educação e Relações Étnicas com ênfase em Cultura Afro-brasileira (ODEERE). A respeito do livro, em seu prefácio, o professor Marcos Aurélio Souza traz uma ótima síntese acerca da narrativa. Ele diz que

O conto infanto-juvenil *Azire, a princesinha de Aruanda* apresenta de maneira original e criativa a vida de uma princesinha africana que preza pela sua história e dos seus ancestrais. O livro fala da importância da memória cultural e familiar. *Azire* é uma criança com plena consciência de que sua existência presente tem relação com o seu passado, com a história da sua família e de sua comunidade. Essa bela história possibilita, assim, pensar a existência de uma pessoa não como algo que começa apenas com o seu nascimento, mas incluindo também o que foram, o que fizeram e o que sonharam seus pais, seus avós, seus antepassados. É através de sua consciência histórica que *Azire* se torna uma pessoa especial, bela e forte, tornando-se um símbolo da luta presente, da memória cultural, individual e coletiva, tão importante à sobrevivência humana (p.6, 2014).

*Azire*, princesa do reino de Aruanda, carrega consigo beleza e simpatia extraordinária que encanta a todos por onde passa. Seu nome, não à toa, significa “deusa da beleza e da riqueza”, ela ainda tinha “(...) a pele tão negra quanto a noite, seus olhos brilhavam tanto quanto as pedras do rio límpido nas noites enluaradas e, ao nascer do sol, da sua boca saíam palavras tão meigas e doces quanto o quindim feito por sua avó Nanazinha” (MOURA. p.8, 2014). A princesinha juntava potinhos de barro e dizia que dentro deles existia um grande tesouro, e todas as pessoas da aldeia queriam saber o que existia ali

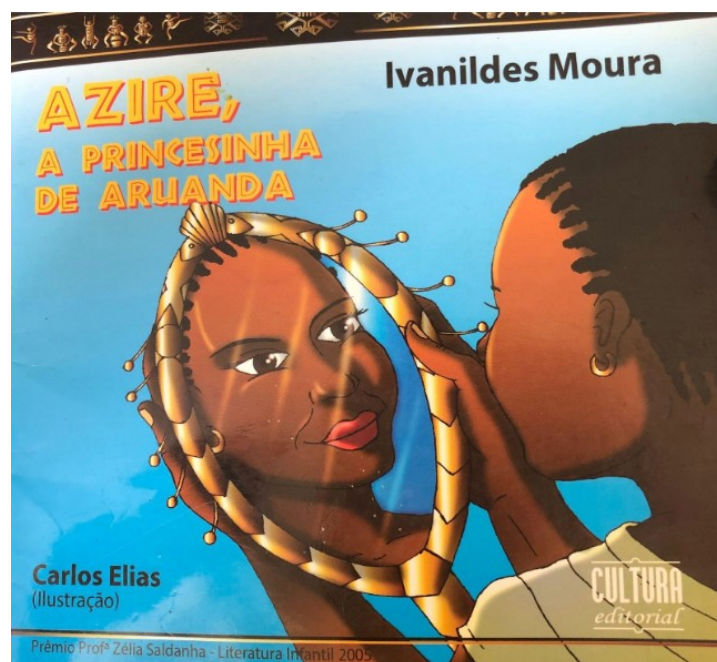


dentro. Em um dado momento da sua vida, começou a carregar consigo também um espelho, o qual foi presenteado pela avó Nanazinha. Esse espelho “(...) era um abebé feito para Oxum, uma orixá que seria a detentora do mistério da riqueza e dos princípios da existência, zelando e protegendo as crianças para que elas dessem continuidade à história através do abebé” (MOURA. p.26. 2014). Ao final da história uma feiticeira faz com que as amigas de Azire não acreditem mais na princesinha e jogue os potes de barro da mesma dentro do rio; ao não ter outra alternativa, com o seu espelho, a princesinha se jogou na água doce e nunca mais voltou, pois ela tinha uma missão: proteger a sua história e suas origens.

Ao analisar embrionariamente os elementos trazidos no resumo da narrativa, fica perceptível, sobretudo, duas temáticas recorrentes no livro de Moura: a memória/herança cultural e ancestral de um povo e a identidade valorizada da princesa negra. Para a análise e melhor percepção acerca dessas temáticas serão trazidos à luz do debate trechos da narrativa e reflexões.

Para iniciar as análises, faz-se crucial apresentar-lhes a capa da narrativa *Azire, a princesinha de Aruanda*. As ilustrações do livro carregam consigo bastante significado, pois não só demonstram veracidade ao que é contado na história, mas também ajuda na empreitada de construir possibilidade de referências positivas para quem está lendo o livro.

**Foto 1 — Capa do livro “Azire, a princesinha de Aruanda”**



Fonte: Livro “Azire, a princesinha de Aruanda”

## **Ancestralidade e identidade da criança negra**

A narrativa ao se ambientar em um reino africano demonstra um ato simbólico de tamanha força e potencialidade. Histórias sobre o continente-mãe, África, foram deturpadas durante muito tempo na historicidade afro-brasileira, portanto colocá-la agora na centralidade da narrativa, empenhando um papel de um bom lugar a partir de um reino que, de fato, possui pessoas felizes, traz a percepção de que a história contada ocidentalmente não é tão verídica quanto parece, já que historicamente ela foi contada a partir da perspectiva de dominação do colonizador, ou seja, é chegada a hora da história ser contada por quem viveu e vive as opressões diárias das amarras violentas do preconceito. Sobre isso, Prandi (2007), afirma que

Voltar à África não para ser africano, ou para ser negro, mas para recuperar um patrimônio cuja presença no Brasil é agora motivo de orgulho, sabedoria e reconhecimento público, para ser o detentor de uma cultura que já é ao mesmo tempo negra e brasileira (p.15).

Acerca do resgate da ancestralidade e herança africana na literatura infantil, Débora Oyayomi Araujo (2017) diz que

As obras dessa categoria: [...] são fortemente carregadas de histórias míticas sobre a criação do mundo, sobre a resolução de conflitos e sobre a capacidade de resistência de povos africanos, seja em contextos locais ou na diáspora africana. Envolvem personagens com atributos sobre-humanos, dotados de poderes mágicos ou de uma sabedoria ancestral; são também deusas e deuses que auxiliam seus descendentes na resolução de conflitos; são, sobretudo, histórias de reencontros entre três experiências: a vivência com o racismo, que marca tão fortemente as trajetórias de negras e negros no Brasil; a resistência, característica central da população negra na diáspora; e seus mitos fundantes, que na origem africana auxiliavam mulheres, homens, crianças, velhas e velhos a lidarem com seus conflitos e a solucionarem problemas. São histórias de reconciliação e de fortalecimento da história africana (p. 38).

A narrativa de Azire é carregada de sabedoria ancestral, sobretudo, através dos objetos que a princesa carrega consigo: os potes de barro e o espelho. No continente africano, os potes de barro são associados às mulheres e ao seu poder de criar e regenerar a vida de forma profunda, além de ser também visto como a representação simbólica do útero. Em Bemba, na África Central, por exemplo, as mulheres cisgênero quando estão prestes a se casarem recebem um pote de barro de uma das suas tias paternas, representando o desejo de que o útero seja abençoado com muitas gestações.

Entre o povo Shona do Zimbábue também percebe-se ritual semelhante, quando a tia paterna entrega uma panela de barro cheia de água para a noiva. A água, por sua vez, está ligada à fertilidade na África. Pensando, agora, na perspectiva dominante e cristã, deus faz o mundo a partir do barro, podendo existir uma relação através da metáfora do útero como um pote de barro, visto que a maioria das mulheres cisgênero tem a possibilidade de reprodução. Sendo assim, percebe-se a relação do sagrado com o pote de barro, principalmente na cultura africana, se relacionando diretamente também com a religiosidade dos orixás. Isso é demonstrado no mito “*Nanã fornece a lama para a modelagem do homem*”, do livro *Mitologia dos Orixás* (2001), de Reginaldo Prandi.

Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano, o orixá tentou vários caminhos. Tentou fazer o homem de ar, como ele. Não deu certo, pois o homem logo se desvaneceu. Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura. De pedra ainda a tentativa foi pior. Fez de fogo e o homem se consumiu. Tentou azeite, água e até vinho de palma, e nada. Foi então que Nanã Burucu veio em seu socorro. Apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu cetro e arma, e de lá retirou uma porção de lama. Nanã deu a porção de lama a Oxalá, o barro do fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é Nanã. Oxalá criou o homem, o modelou no barro (...) (p.93).

Para algumas mulheres africanas, guardar os seus potes de barro com zelo simboliza a sua feminilidade e maternidade. Azire carrega consigo esses potes de barro que representam, então, os elementos anteriormente mencionados e que estão diretamente ligados à ancestralidade através da orixá Oxum. Ela, na tradição de alguns dos pensamentos afro-brasileiros e africanos, é a senhora da fertilidade e a potência criadora da vida. Ainda em Prandi (2001), no itan “*Oxum faz as mulheres estéreis em represália aos homens*” percebe-se a importância dela e das suas águas para a existência humana:

Logo que o mundo foi criado, todos os orixás vieram para a Terra e começaram a tomar decisões e dividir encargos entre eles, em conciliábulos nos quais somente os homens podiam participar. Oxum não se conformava com essa situação. Ressentida pela exclusão, ela vingou-se dos orixás masculinos. Condenou todas as mulheres à esterilidade, de sorte que qualquer iniciativa masculina no sentido da fertilidade era fadada ao fracasso. Por isso, os homens foram consultar Olodumare. Estavam muito alarmados e não sabiam o que fazer sem filhos para criar nem herdeiros para quem deixar suas posses, sem novos braços para criar novas riquezas e fazer as guerras e sem descendentes para não deixar morrer suas memórias. Olodumare soube, então, que Oxum fora excluída das reuniões. Ele aconselhou os orixás a convidá-la, e às outras mulheres, pois sem Oxum e seu poder sobre a

fecundidade nada poderia ir adiante. Os orixás seguiram os sábios conselhos de Olodumare e assim suas iniciativas voltaram a ter sucesso. As mulheres tornaram a gerar filhos e a vida na Terra prosperou (PRANDI, 2001, p. 345).

Ao longo da narrativa, percebe-se a forte ligação entre o pote de barro e Oxum, além da associação tanto de características de Azire quanto do espelho feito para a orixá que a princesa carrega consigo. A importância do abebé/espelho se mostra quando Moura retrata que

Azire, no futuro, podia ver todas as pessoas amadas e as proteger. O abebé guardaria a infância da princesinha para que, quando ela se transformasse numa mulher, pudesse preservar toda a sua descendência da maldade e, assim, a vida do seu povo nunca se perderia na história (p.26, 2014).

A relação de Oxum com as crianças e a fecundidade pode ser percebida no trecho a seguir

Um texto citado por Elbein dos Santos (1986) refere-se a Oxum da seguinte maneira: No tempo da criação, quando Oxum estava vindo das profundezas do orun, Olodumare confiou-lhe o poder de zelar por cada uma das crianças criadas por Orixá, que nasceriam na terra. Oxum seria a provedora de crianças. Ela deveria fazer com que as crianças permanecessem no ventre de suas mães, assegurando-lhes medicamentos e tratamentos apropriados para evitar abortos e contratempos antes do nascimento. Não deveria encolerizar-se com ninguém a fim de não recusar crianças a inimigos e conceder gravidez a amigos. Foi a primeira Iya-mi encarregada de ser Olutoju awom omo - aquela que vela por todas as crianças e Alawoye omo - a que cura crianças (RIBEIRO, 1996, p. 77).

De forma bastante consistente, pode-se afirmar que Azire é a representação de Oxum na narrativa da princesinha de Aruanda. Carregar consigo elementos culturais e religiosos das religiões de matrizes africanas confere um caráter de representação da orixá em Azire. Isso fica explícito, sobretudo, ao final da narrativa quando os seus potes de barro são jogados no rio (lugar atribuído à Oxum) e ela, de pronto, mergulha com o seu abebé na tentativa de recuperá-los e não retorna nunca mais, no entanto fica explícito, conforme o trecho do livro, que “as palavras meigas de Azire fizeram doces as águas do rio, e as riquezas que tinha nos potinhos foram juntadas e colocadas dentro do abebé, para que todos olhassem e vissem o quanto era bela a nossa história” (MOURA. p.43. 2014)

**Figura 2 – Azire com seu abebé e as suas bonecas negras**

Fonte: Livro “Azire, a princesinha de Aruanda”

Além da representação de Oxum ao longo da narrativa, tem-se, possivelmente, também a representação da orixá Nanã. Através da avó de Azire, chamada de Nanazinha, pode-se perceber a representação da orixá Nanã, não apenas pela semelhança entre os nomes (Naná/Nanazinha), mas também pela ilustração da senhora e a sua sabedoria ancestral. A atribuição da orixá Nanã dentro da perspectiva yorubana é de que ela resguarda a memória ancestral do seu povo e é uma grande mãe, a anciã que possui conhecimento e zela pela existência tal qual uma grande matriarca. Em algumas regiões da África o seu nome é empregado para se referir a pessoas idosas e respeitadas, que resguardam grande sabedoria. A orixá ainda possui o poder sobre o barro do qual se originou toda a vida.



**Figura 3 — Avó Nanazinha entregando o abebé para Azire**

Fonte: Livro “Azire, a princesinha de Aruanda”

A relação entre Nanã e a avó Nanazinha fica explícita durante a narrativa. Sendo uma senhora que carrega toda a sabedoria ancestral de um povo, Nanazinha sempre é consultada quando algo acontece ou quando os habitantes mais novos precisam de conselhos, além de ser extremamente respeitada por todos que na aldeia habitam por conta da sua sabedoria e maior idade.

A temática da ancestralidade é bastante recorrente e relevante durante a narrativa, no entanto, existe também outra temática que nos chama a atenção: a valorização da identidade da criança negra. Durante toda a narrativa é evidenciada a beleza extraordinária que Azire possui, seja pela sua cor, seus traços negros ou pelos seus cabelos.

Azire, que significa a deusa da beleza e da riqueza, tinha a pele tão negra quanto a noite, seus olhos brilhavam tanto quanto as pedras do rio límpido nas noites enluaradas e, ao nascer do sol, da sua boca saíam palavras tão meigas e doces quanto o quindim feito por sua avó Nanazinha (MOURA, 2014, p. 7-8).

Esse aspecto configura um importante debate, ao refletir que, historicamente, as imagens das pessoas negras nos livros literários foram construídas de maneira outra que não a apresentada na narrativa em questão. É urgente entender a necessidade de a criança negra ser ouvida, representada e humanizada, conseguindo se reconhecer nas histórias contadas e em suas ilustrações dos livros infantis. Nesse sentido, a narrativa enaltece Azire, ao



falar da sua beleza extraordinária, promovendo a autoestima e empoderamento ao valorizar as suas características e ao trazer, também, ilustrações que demonstram a beleza da personagem, conforme pode ser visto na figura.

**Figura 3 — A beleza de Azire**



Fonte: Livro “Azire, a princesinha de Aruanda”

Pode-se perceber, conforme a ilustração, o penteado que Azire carrega consigo: as tranças. Esse elemento e trabalho minucioso do ilustrador é necessário, uma vez que “os penteados e tranças sempre constituíram expressões importantes da cultura africana” (SILVA, 2013, p. 43). Gomes (2003, p. 177) traz uma perspectiva fundamental ao dizer que

O uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela criança negra e privilegiados pela família. Fazer as tranças, na infância, constitui um verdadeiro ritual para essa família. Elaborar tranças variadas no cabelo das filhas é uma tarefa aprendida e desenvolvida pelas mulheres negras.

Falar sobre construção de identidade requer cuidado, para que esse debate não caia num debate sem aprofundamento de conceitos. É preciso entender que a construção da negritude perpassa pela formação de uma identidade negra desde criança, para que a mesma cresça sabendo quem ela é

que a sua beleza não é inferior a das pessoas brancas, no entanto, perpassa também por constituir um debate que aborde as violências sofridas pelas pessoas negras, independentemente delas se reconhecerem como tal ou não.

Para que essa conscientização se efetive, é preciso construir a educação como prática de liberdade para todas as pessoas, conforme defendido por Paulo Freire. Ele enfatiza que a educação deve ser um processo dialógico, onde a partilha de narrativas e a construção coletiva do conhecimento são essenciais, em vez de um exercício de poder agressivo e impositivo. Em vez de impor ideias, a educação deve engajar a todos na construção de perspectivas de alteridade e equidade desde a infância, promovendo o crescimento mútuo do professor e do aluno. Assim, a pedagogia deve ser orientada para a emancipação e o desenvolvimento de uma consciência crítica que valorize e respeite as diferentes experiências e identidades, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva. Sobre isso, bell hooks afirma

Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos. Isso não significa que não sejam sujeitos a críticas ou questionamentos críticos ou que não haja muitas ocasiões em que a entrada dos poderosos nos territórios dos impotentes serve para perpetuar as estruturas existentes (HOOKS, 2013, p. 175).

### **Para continuar pensando...**

Refletir acerca da memória ancestral e a construção de identidade de um povo é um processo profundo. O que Azire, a princesinha de Aruanda e Ivanildes Moura fazem com o leitor, é propor a reflexão de e construção de uma imagem emancipatória e empoderada do povo negro, sobretudo das crianças.

Contribuir na construção dessa imagem positiva possibilita que as crianças possam se referenciar em histórias que exalta o seu povo. Débora Oyayomi Araujo (2017) afirma que

Em tempos estranhos, de propagação do ódio, do desamor e do desprezo ao outro, aumenta a preocupação sobre o quanto retrocederemos na liberdade cultural e espiritual das pessoas, em especial das crianças em nosso país, que vivem uma relação inversamente proporcional de reconhecimento social às crianças das sociedades tradicionais africanas: quanto menos idade têm, menos direitos possuem e são menos consideradas como seres completos em sua existência. O desejo é que a literatura continue despertando adultos e adultas a reconhecerem a potência de vida presente nas crianças, tais como elas são: crianças (p. 127).

A literatura negra infantil e juvenil brasileira parece ser lócus de identidade e pertença porque pensa a infância negra. As histórias das crianças negras foram relegadas a um patamar de inferioridade, historicamente, e fortalecer obras como a analisada neste artigo é se contrapor às provocações feitas historicamente e construir um caminho de possibilidades de se enxergar negra para essas crianças. As vozes negras, especialmente, acionam as nossas memórias ancestrais, nossos ouvidos e corações, fazendo com que vejamos que é possível existir outros caminhos e possibilidades para recontar a história.

## Referências

- ARAÚJO, Débora Oyayomi. *Literatura infantil e ancestralidade africana: o que nos contam as crianças?*. Momento: diálogos em educação, E-ISSN 2316-3100, v. 28, n. 1, p. 109-126, jan./abr., 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea - Um Território Contestado*. São Paulo: Editora Horizonte, 2014.
- DEBUS, E.S.D. *A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção*. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil - Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Fêmea fênix*. In: Maria Mulher - Informativo, ano 2, n. 13, 25 jul. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- LEIRO, Lúcia. *Literatura infantojuvenil e ancestralidade*. São Cristóvão: GELIC, Volume 05, 2014.
- MOURA, Ivanildes. *Azire, a princesinha de Aruanda*. Salvador: Cultura Editorial, 2014.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- PERROT, Michelli. *Minha história das mulheres*.-1.ed.,1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, (2008).
- QUEIROZ, Fernanda Roberta Rodrigues; BUZAN, Thales Nascimento. *Os caminhos da literatura infantil escrita por mulheres*. Juiz de Fora: Ipotesi, 2019.
- RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Alma Africana No Brasil - os iorubás*. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.
- SCHMIDT, Aline Van Der. *Entre, coelhos, tranças e guerras: dilemas contemporâneos na literatura infantil de Angola de Ondjaki*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- ZILBERMAM, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global, 1981.

**ABSTRACT:** Historically, Brazilian literature has focused mostly on the works considered classical, which make up the so-called literary canon. Society delimits classic works based on a structural condition, which is, above all, sexist and racist, which almost always leaves other works that do not fit into the established molds of authority out of consideration. By tracing the opposite path, this article intends to bring to light the black, feminine and engaged writing through the narrative *Azire, a princesinha de Aruanda* (2014), by the Jequeense writer Ivanildes Moura, in order to build a new perspective about the black representation in children's books, based on the recurring themes of the author's book in question. Through children's literature, Moura incorporates in her work elements of African ancestry, female empowerment and black self-esteem, thus building a counter-narrative about the reality of these subalternized subjects. Reflecting on ancestral memory and the construction of a people's identity is a necessary process for the perception of the existence of other paths and possibilities for retelling history. What *Azire, a princesinha de Aruanda* and Ivanildes Moura do with the reader is to propose reflection and the construction of an image whose horizon points to the emancipation and empowerment of black people, especially children.

**KEYWORDS:** Ancestry, Children's literature, Women's literature, Representation